
Apontamentos arqueológicos para a história da região de Monforte: uma visão cartográfica¹

RUI BOAVENTURA²
MAIA LANGLEY³

R E S U M O

Apresenta-se cartograficamente o conhecimento actual dos vestígios de povoamento da região de Monforte, resultantes dos projectos COMONPH e COMUNAL, realizando-se uma breve reflexão acerca desses dados.

A B S T R A C T

This work presents various maps of archaeological sites and settlements located in the region of Monforte, Portugal, resulting from the projects of COMONPH and COMUNAL, with a brief discussion of this data.

“Que a Grande Deusa com Olhos de Sol, a mesma também representada nas placas de xisto gravadas, castigue os que, deliberadamente ou por ignorância, se esquecem dos que antes de nós vieram. Castigo extensivo aos que se pensam sempre únicos e percussores, e aos pobres indivíduos que presumem dispensável referir o que devem ao esforço alheio, que mostrou, abriu ou iluminou caminhos de dúvida e porquê.” (Gonçalves, 2005, p. 12)

O projecto de “As Comunidades Pré-Históricas dos IV e III milénios na Região de Monforte” (COMONPH), em co-direcção com Carla Lopes, desenvolveu-se entre 1995 e 2001. Além do conhecimento daquele período específico, considerou-se logística e eticamente correcto a realocização e o registo de todas as realidades cronológicas detectadas para uma eventual Carta Arqueológica de Monforte, prevendo-se realizá-la em colaboração com outros investigadores interessados (Lopes e Boaventura, 1997, p. 385).

Em 1995, após a recolha bibliográfica, calculava-se em 80 a 90 os sítios referenciados (Mapa 1⁴), ainda que cerca de dois terços deles não possuíssem uma localização exacta ou uma caracterização específica. O restante terço conhecia-se essencialmente graças ao trabalho esforçado de José Inácio da Silva (1989a, 1989b)⁵. Posteriormente, foram considerados os cerca de 83 sítios (na maioria repetidos) apontados no mapa de A. Cunha (1985) intitulado “Carta Arqueológica do Concelho de Monforte”⁶, cuja legenda⁷ permitia apenas uma vaga localização e caracterização, situação admitida em conversa pessoal com o autor e justificada pelo seu receio de danos ao património identificado.

Até 2001 alcançou-se o número de 350 sítios relocados e/ou identificados, entretanto já ultrapassado no âmbito do projecto “As Comunidades Megalíticas do Norte Alentejo” (COMUNAL), actualmente a concluir-se.

Observando os mapas apresentados⁸, face à situação anterior a 1995, é evidente que o conhecimento das ocupações humanas do território de Monforte cresceu, o que permite actualmente demonstrar e avaliar melhor as estratégias de povoamento ali praticadas desde o Neolítico (os vestígios paleolíticos são dispersos!) até aos séculos XX-XXI. Essa importância reflecte-se ainda na classificação como Imóveis de Interesse Público de 12 sepulcros megalíticos (com a publicação em Diário da República agendada para breve?), de um conjunto de 19 sítios (os restantes encontram-se em processo de estudo) propostos ao IPPAR em 1997 pelos responsáveis do projecto COMONPH.

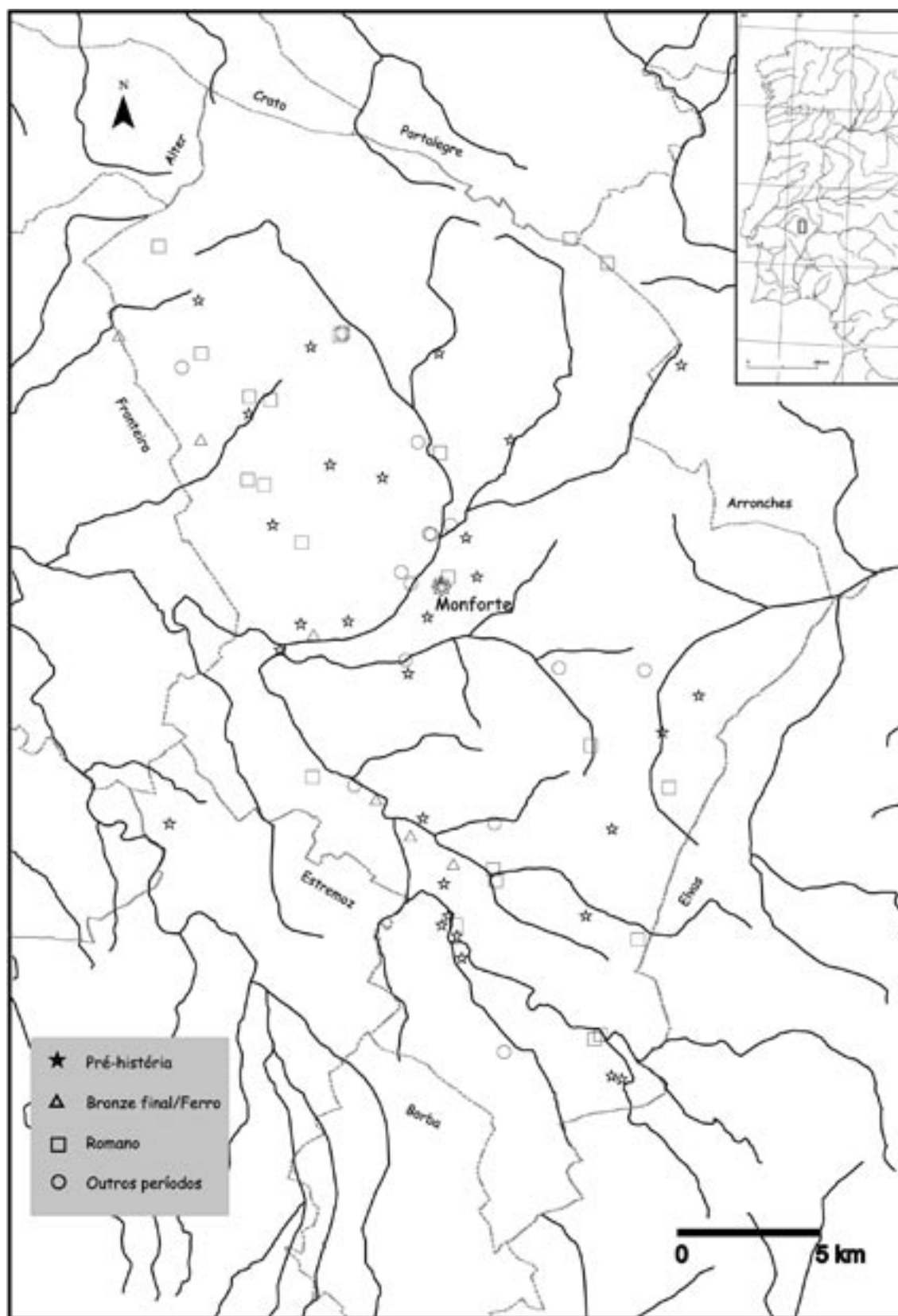
As presenças de vestígios genericamente atribuíveis ao Paleolítico são escassas e descontextualizadas. Essencialmente, devem-se às pesquisas efectuadas por J. Lino da Silva a mando de M. Heleno nas margens da Ribeira Grande (Boaventura, 2001, p. 15), mas que numa recente e breve análise se assemelhavam mais a vestígios de indústrias macrolíticas (Boaventura, 2001, p. 15)⁹.

As ocupações humanas dos IV-III milénios a.n.e., além de parcialmente tratadas anteriormente (Lopes e Boaventura, 1997; Boaventura, 2001) estão sendo alvo de vários estudos, um deles apresentado neste volume, pelo que limitamos o seu tratamento aqui. Tanto os vestígios habitacionais como os funerários aparentam ocupar preferencialmente determinadas áreas do território, o que parece coincidir com as franjas dos relevos calcários e/ou a presença de solos actualmente de capacidade tipo B e C ou mesmo D. Entre os vestígios apontados, alguns deles poderão eventualmente revelar-se ocupações já atribuíveis a finais do III milénio e princípios do II, o que só o desenvolvimento da pesquisa, com intervenções aprofundadas, poderá esclarecer.

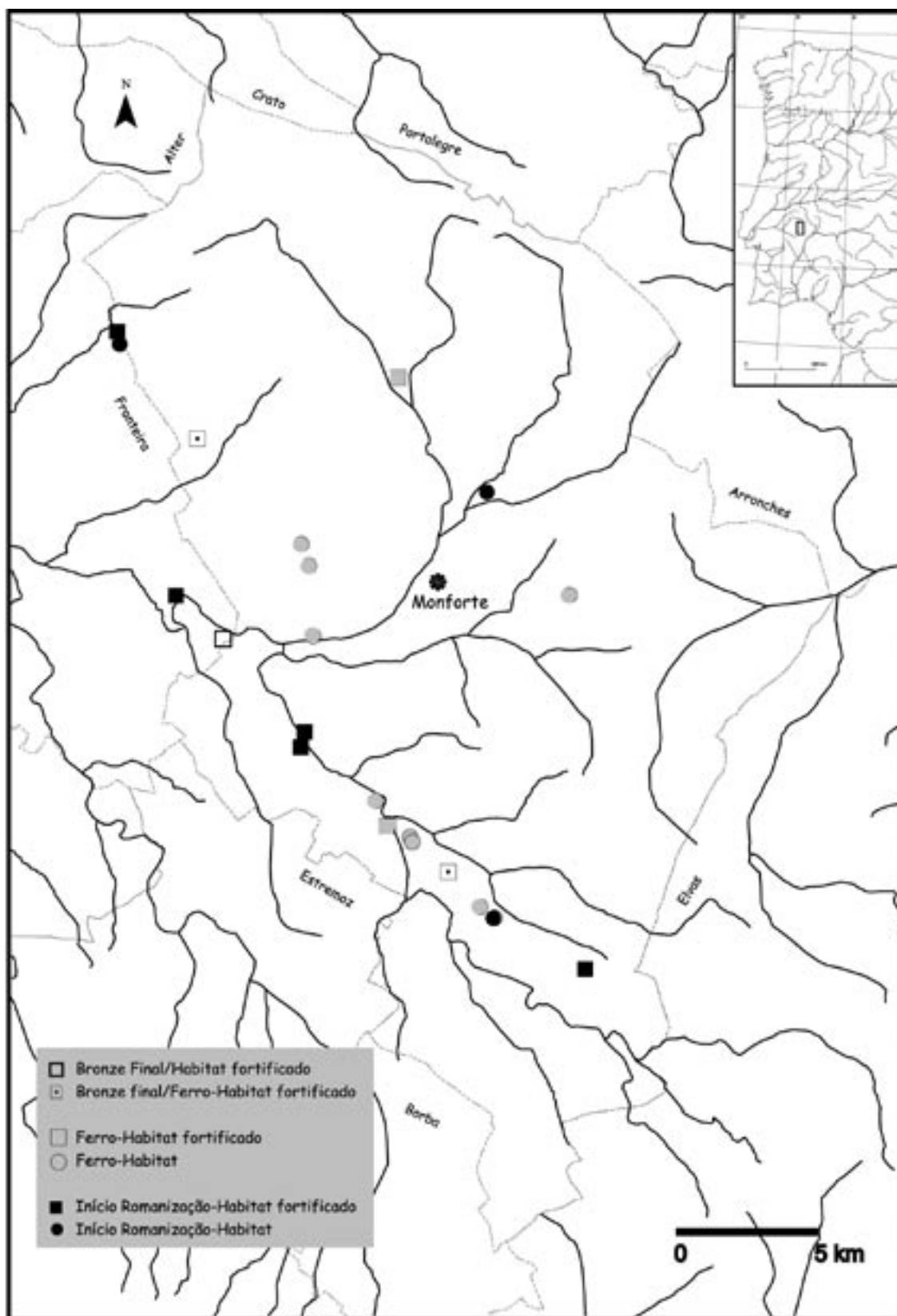
O registo cartográfico atribuível aos II e I milénios a.n.e. (Mapa 2), quando comparado com momentos cronológicos anteriores e posteriores, parece evidenciar uma retracção/concentração do povoamento. T. Gamito (1982, 1988 e 1993), procurando enquadrar os resultados obtidos por M. Heleno na Cabeça de Vaiamonte, dedicou a este território uma análise parcelar e aleatória, mas não totalmente esclarecedora quanto à caracterização dos sítios identificados. Por exemplo, baseado nas informações obtidas durante as nossas campanhas de prospecção¹⁰, Pedras da Careira surge como um grande povoado fortificado e aparentemente centralizador do território durante o Bronze final e inícios da “I Idade do Ferro”. Durante esses períodos a presença humana na Cabeça de Vaiamonte parece modesta, apenas aparentando alguma importância durante a II Idade do Ferro (séculos V-III a.n.e.) e, pontualmente, em período tardo-republicano (Fabião, 1996). É também já neste momento inicial da romanização que sítios como Penedo do Ferro, Outeiro da Mina e Beçudos parecem indiciar um novo modelo de ocupação do território (Mataloto, 2002). Infelizmente, se alguns habitats têm vindo a ser detectados, as suas necrópoles ainda se mantêm invisíveis, apesar de começarmos a ter indícios delas, mas reutilizando estruturas anteriores, nomeadamente antas.

A ocupação rural romana (séculos I-VII) foi alvo de colaboração com Maia Langley, pelo que remetemos a análise espacial deste período para o seu trabalho¹¹. No entanto, observando o mapa referente aos vestígios detectados¹², não podemos deixar de realçar o aumento do número de sítios face aos milénios anteriores, muitos deles perdurando sensivelmente ao longo da primeira meia dúzia de séculos da nossa Era.

Relendo outros trabalhos de inventário arqueológico em concelhos próximos, a sul de Monforte (por exemplo, Calado, 1993; Calado e Mataloto, 2001¹³) parece verificarem-se estratégias de ocupação do território semelhantes ao longo da larga diacronia. Essa observação poderá explicar-



Mapa 1 Vestígios arqueológicos da região de Monforte assinalados até 1995.



Mapa 2 Vestígios arqueológicos da região de Monforte, atribuíveis aos II e I milénios a.n.e.

-se pelas similitudes geomorfológicas, mas também pelo facto de estes grupos humanos terem experimentado sincronicamente conjunturas sócio-culturais semelhantes, ainda que a região de Monforte (e de Fronteira) se situar numa aparente área de transição entre grupos com características culturais específicas na pré-história recente e, em momentos posteriores, em zona de provável delimitação de carácter político-administrativo.

Apesar de ainda não ter sido possível apresentar uma publicação que liste e analise em detalhe e globalmente os resultados, estão em produção várias sínteses cronológicas em colaboração com outros investigadores, algumas delas já referidas atrás.

Finalmente, faz-se votos para que estes resultados também sejam, ou tenham sido, considerados de forma correcta na presente revisão do Plano Director Municipal de Monforte, cujas plantas de património cultural e de condicionantes são instrumentos fundamentais para a gestão e salvaguarda dos vestígios materiais do passado. Contudo, teme-se que tal não tenha acontecido, visto que a comunicação apresentada nas 3.^{as} Jornadas do Norte Alentejano, pela arqueóloga P. Morgado, ao serviço da Câmara Municipal de Monforte, ignorou por completo todo o trabalho anterior, tornando-se assim incontornável um breve comentário por um dos autores (RB).

Comentário incontornável a dois tristes rostos de Janus

André Carneiro e Paula Morgado apresentaram nas 3.^{as} Jornadas do Nordeste Alentejano uma comunicação intitulada “Os rostos de Janus: estratégias de povoamento na mudança da era no Concelho de Monforte”. A imagem, olhando para o passado e para o futuro, revelou-se perfeita para quem parece querer omitir o passado recente e o presente, mas falhou no que se esperava ser uma apresentação séria e rigorosa, analisando de facto os aspectos da referida mudança de Era.

Em 1999, quando André Carneiro chegou a Fronteira, eu e o meu colega Carlos Batata, no âmbito de uma das tarefas do IPA-Crato, tínhamos acabado de concluir a realocização de várias dezenas de sítios em Fronteira, pelo que disponibilizámos algum do nosso tempo para lhe dar a conhecer os muitos sítios então revistos. Estando a desenvolver o projecto COMONPH na região vizinha também lhe dei a conhecer outros tantos sítios, inclusive culminando em 2000 numa tentativa de projecto para o Povoamento Romano de Vaiamonte (PROVAIA).

Em 2000, com a chegada de Paula Morgado a Monforte, dado o seu aparente interesse pelo período romano, e porque se pensava avançar para a publicação de um Inventário do Património Arqueológico de Monforte em finais de 2001 (ideia então com receptividade na Autarquia), foi-lhe feito o convite para estudar os resultados referentes à ocupação romana. Esse convite foi aceite inicialmente, mas em finais de 2001, foi declinado.

Por fim, em Janeiro de 2002, a Autarquia declarou que já tinha dado o apoio suficiente ao projecto COMONPH, pelo que a publicação não lhe interessava¹⁴, visto que era algo que eventualmente a arqueóloga municipal trataria no futuro.

Pelo exposto atrás, é chocante que A. Carneiro e P. Morgado declarem, sem mais, que os dados analisados resultam dos trabalhos realizados no âmbito do “Levantamento Arqueológico de Monforte” a cargo da segunda autora, como se nada tivesse sido realizado anteriormente¹⁵. Esta atitude revela uma total desonestidade ética e profissional, lembrando processos estalinistas do século passado, procurando omitir os contributos anteriores.

Para dissertar acerca do assunto proposto foram apresentados 5 sítios representativos do suposto momento de transição: Cabeça de Vaiamonte, Pedras da Careira, Outeiro da Mina, Roupados e Atalaia. Quanto aos três primeiros sítios julgo que bastará recordar o referido acima para

verificar o impropério cronológico. Quanto à centralidade do primeiro sítio é também algo duvidoso, confundindo-se a proeminência geográfica do cabeço com a função última de ver e ser visto¹⁶. Quanto aos restantes dois sítios¹⁷, tenho que questionar a própria interpretação: Roupados apresenta um conjunto de estruturas associadas a curral e chafurdo, entre as quais apenas recolhi materiais dispersos¹⁸; Atalaia é um cabeço bem destacado a sul de Monforte que apresenta uma faixa de conglomerados, explorados no século XIX-XX. Daquela exploração resultou um talude semicircular, na extremidade ocidental, junto ao local de extracção, sendo o único vestígio material passível de ser confundido com uma estrutura mais antiga.

Finalmente, se o objectivo dos rostos de Janus era olhar para um período anterior à romanização e depois com vestígios da romanização, resulta estranho que, além da pobreza do primeiro momento, nada tenha sido apresentado para ilustrar o segundo período. Portanto, além da patente intenção branqueadora do passado recente/presente, aquela apresentação resultou num trabalho mal alicerçado e cientificamente medíocre, somente preocupada em marcar presença num encontro profissional.

NOTAS

- 1 Poster apresentado nas 3.^{as} Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano, 13-15 Abril, Fronteira, 2005.
- 2 Adjunct lecturer, University of Louisville; rui.boaventura@louisville.edu
- 3 Bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; maialangley@hotmail.com
- 4 Apresentam-se as localizações dos sítios já rectificadas a partir dos trabalhos desenvolvidos.
- 5 Um caso exemplar para argumentar que os verdadeiros deficientes são aqueles que maltratam e votam ao ostracismo quem por fado não teve a sorte de uma condição física considerada normal e não se resignou a isso.
- 6 Além do original emoldurado no Posto de Turismo, existia uma cópia no Arquivo Histórico Municipal.
- 7 Agradeço a Teresa Cunha a cópia que nos forneceu já depois do falecimento do seu pai, António Cunha, em 1998.
- 8 Ver os artigos de Rui Boaventura e Maia Langley neste volume.
- 9 A revisão mais aprofundada dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia, efectuada em colaboração com M. Salvador manteve as primeiras impressões genericamente correctas, apesar de se poder adscrever algumas peças a momentos do Paleolítico.
- 10 Em colaboração com R. Mataloto, esperamos em breve apresentar uma reflexão mais desenvolvida acerca deste assunto.
- 11 Bem como outros em preparação ou no prelo.
- 12 Ver o artigo de M. Langley neste volume, acerca do povoamento romano de Monforte.
- 13 Ou a recém publicada Carta Arqueológica de Fronteira (Carneiro, 2005).
- 14 Curiosamente ocorre na sequência de notícia pública da dispensa pela Direcção do IPA dos meus serviços na extensão do Crato.
- 15 Além dos resultados do projecto COMONPH, porque não os restantes sítios mencionados no trabalho de T. Gamito?
- 16 Os dados recolhidos apontam para uma ocupação essencialmente no topo/vertente virados a Este (Boaventura, 2001, p. 65-66), abrigando-se dos prováveis ventos de Nortada, mas simultaneamente resultando numa menor exposição visual para Sul e Oeste.
- 17 Apontados por A. Cunha, 1985.
- 18 Apenas um fragmento de régua e um machado, ainda que seja admissível a recolha de achados característicos, mas que não foram referidos pelos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVENTURA, R. (2000) - O Campaniforme do habitat do Pombal (Monforte, Alto Alentejo, Portugal). In *3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vila Real, Set. 1999, Actas: Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, Vol. 4, p. 291-300.
- BOAVENTURA, R. (2001) - *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta Arqueológica do Concelho do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARNEIRO, A. (2005) - *Carta arqueológica do concelho de Fronteira*. Lisboa: Colibri-Câmara Municipal de Fronteira.
- CUNHA, A. (1985) - *Carta arqueológica do concelho de Monforte*. Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte. [Existe legenda dactilografada dos sítios indicados no mapa: Nota aos lugares assinalados pelos diversos símbolos].
- FABIÃO, C. (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaíamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série. 2, p. 31-80.

- GAMITO, T. J. (1982) - A Idade do Ferro no sul de Portugal: problemas e perspectivas. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 65-78.
- GAMITO, T. J. (1988) - *Social complexity in southwest Iberia 800-300 B.C.: the case of Tartessos*. Oxford: BAR International Series.
- GAMITO, T. J. (1993) - Aspectos do desenvolvimento da complexificação social e económica do sudoeste peninsular durante o primeiro milénio a.C. *Arqueologia e História*. Lisboa. p. 43-65.
- GONÇALVES, V. S. (2005) - *As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a. n. e.)*. [Aljezur]: Câmara Municipal.
- LOPES, C.; BOAVENTURA, R. (1997) - O povoamento pré-histórico dos 4º - 3º milénios na região [de] Monforte: o estado da questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, Zamora, Set. 24-27 1996*. Vol. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce), p. 381-387.
- MATALOTO, R. (2002) - Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da “romanização” dos campos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 161-220.
- SILVA, J. I. M. (1989a) - *Estudo da ocupação humana nas freguesias de Monforte e Vaiamonte: projecto de estudo: a “villa” lusitano-romana de Torre de Palma: passado, presente e perspectivas futuras*. Vol. 1. Trabalho de Seminário de Arqueologia: Universidade Lusíada. Edição policopiada.
- SILVA, J. I. M. (1989b) - *Estudo da ocupação humana nas freguesias de Monforte e Vaiamonte: projecto de estudo*. Vol. 2. Trabalho de Seminário de Arqueologia: Universidade Lusíada. Edição policopiada.

